

Anne

O Eco das Almas
Perdidas

Anne

O Eco das Almas
Perdidas

M. V. Patrice

Autor: M. V. Patrice

Design da capa: M.V.Patrice, com ferramentas digitais

ISBN: 9789403802763

© M. V. Patrice

DEDICATÓRIA

Em era de sombras e noite,
Quando os passos eram temor,
Foi no seio da minha linhagem
Que encontrei amparo e amor.

Agradeço Mãe e Pai
Pela infinita paciência
Recebam este livro
Com todo o Amor da minha existência.

Meu esposo, cavaleiro de fé,
Ergueu-me com mão diligente;
Mesmo na noite mais fria,
Foi farol constante e presente.

Ao meu filho, flor de esperança,
Herança viva do meu ser,
És luz que em mim dança
Tesouro que não se pode conter.

E ao Altíssimo, Senhor de Tudo,
A Ele tributo esta criação.
Pois na bruma e no silêncio
Foi Sua luz a minha direção.

Capítulo I – O Peso da Cruz

Ouviu o galo cantar lá fora, rasgando o sono profundo em que se encontrava, como uma faca afiada. Pôs-se a pé, sabendo que o dia tinha começado. Já devia estar na ala da Senhora há muito tempo, pelo que era necessário aprontar-se rapidamente. Anne sabia bem: cada minuto que passava era uma teia de reprimendas a que se sujeitava, por fazer aguardar a sua Senhora.

Colocou os pés no chão, saindo da sua pequena e tosca cama e percebeu que a terra estava húmida. Aliás, todo o espaço era húmido. Sentiu uma sensação pegajosa na ponta dos pés, percebendo que a lama se começara a formar no chão do quarto. Olhou para cima e reparou que a palha do telhado estava cada vez mais deteriorada, permitindo que a chuva miúda inundasse o casebre. Maldisse mais uma vez a pobre ideia do seu pai, que não a queria nos quartos das aias. “Que se dane a honra!”, pensou Anne, cerrando os punhos. Mirou minuciosamente o minúsculo pardieiro onde estava confinada, pintado a bolor e aromatizado a mofo, que se localizava fora dos belos jardins para os quais poderia olhar todos os dias! Logo ela, que jamais se deixaria desflorar por qualquer um.

Com um suspiro resignado, ajeitou os seus longos cabelos negros num coque impecavelmente estruturado, preso num gancho de osso que tilintou ao fixar-se. Colocou o corpete por cima da túnica de linho e pôs o longo vestido azul, deliciando-se com as mangas largas que tanto amava, esvoaçando a cada gesto seu. Passou rapidamente os olhos pela mesa, ainda posta com o que trouxe do castelo na noite anterior. Um pão de centeio bolorento, meia cerveja e uma mão cheia de nada. Preferiu não comer. Enfiou os pés nos botins e precipitou-se a correr pelo campo fora, em direção ao que sabia que seria o seu castigo – a esta hora, com o sol tão alto, a Senhora já estaria no ritual do levante.

Enquanto sente o vento beijar-lhe a face, presenteada pelo aroma da erva molhada, avista os lacaios no portão do castelo, visivelmente consternados pela presença do Padre. Aproxima-se, desacelerando o passo e entre os cânticos dos melros, que compunham a bela melodia da manhã. Cumprimenta:

- Bons dias, meus senhores! A bênção, Senhor Padre! – exclamou, muito ofegante.

- Deus t'abençoe! Então, mas tu não sabes que quem madruga, Deus ajuda, Anne?

O olhar no Senhor Padre era um misto de ternura com repreensão. Desde que o Senhor Mills deixou aquela pobre alma entregue à Senhora do Castelo, não antevia senão coisas más. Onde já se viu, uma moça em idade casadoira, servir como aia fora de um castelo? Mal a avistou, tão nova, de trouxa ao ombro, soubera imediatamente que a devia proteger da mente preserva dos homens. Achava que se dormisse no castelo, a probabilidade de ser corrompida era muito maior e convenceu o Senhor do castelo a ceder um pequeno casebre abandonado para que moça pudesse ficar resguardada da malícia. Conseguiu esse feito, tornando-a uma aia diferente das outras. Sinal divino de que os tempos estavam a mudar. “Ah, sim...o mundo está a mudar”, pensou. Passou a mão pelas barbas brancas enquanto fitava Anne, correndo apressadamente pelos jardins do castelo. Por momentos, percebeu que os seus grandes olhos azuis a fitavam com ternura, deleitando-se com as curvas que o corpete evidenciava. Olhar não devia ser pecado, desde que não caísse em tentação. Afinal, Deus era perfeito, ele é que não.

O Padre Alfric era uma figura muito respeitada por toda a região. Demasiadamente alto para a época, atribuíam-lhe tamanha dimensão como algo divino. Por outro lado, ou era austero nos sermões da igreja ou brando quando ouvia as confissões. Nunca se sabia bem com o que se contava dele. A única coisa que se sabia era que se devia temer a Deus e aos Padres. Este, em particular, sabia usar o temor a seu favor. Muito próximo dos Senhores, sabia manipulá-los para atingir os seus fins. Mais ou menos ortodoxo, sabia onde queria chegar. Ninguém sabe exatamente de onde veio este “santo”. Não se sabe se veio de famílias ricas, educado para vestir o hábito ou se fora abandonado num mosteiro por uma mãe prostituta. Alguns ainda dizem que seria o terceiro filho de uma família nobre, empurrado para a Igreja, uma vez que não lhe cabia qualquer herança. O que se sabia é que tinha usado a sua ambição para subir entre bispos e senhores, utilizando a sua língua venenosa para contar pecados, que usava habilmente como moeda de troca. Vestia-se sempre de um negro rasgado por uma pesada cruz dourada ao peito. As mulheres baixavam os olhos à sua passagem, pois sabiam que ora diria algo

ternurento, ora olharia para sítios menos próprios. Os homens evitavam falas, porque alguma palavra mal dita, poderia firmar o seu destino.

O Padre queria sempre mais. Não se contentava com qualquer coisa. E ainda assim, essa coisa qualquer não era suficiente. Planeava cuidadosamente o próximo passo... E enquanto pensava e não pensava naquilo que queria para o dia que se avizinhava, adentrou pelo Castelo, vagarosamente, para se preparar para a missa matinal da Senhora.

Os sinos tocam, vibrando incessantemente, como que a chamar a corte para a missa. Os raios de sol entram tímidas pelas fenestras, permitindo aquecer o frio com que as grandes e cinzentas pedras brindam o Castelo de Montclair. As velas, criteriosamente espalhadas pelos corredores, ainda ardem. As suas sombras dançam nas paredes, criando uma atmosfera mística. Como pano de fundo, ouvem-se os passos das senhoras da corte, cujos risos se silenciam à medida que se aproximam da porta da capela. Aguardam à porta – não tarda chegará Lady Seraphine e é necessário fazer a devida vénia à Arquiduquesa. Afinal de contas, todos sabem que o Arquiduque Leopold não admite tamanha desconsideração, tendo inclusivamente pedido que todos se reunissem nesta missa para anunciar uma punição severa por algo que alguém terá cometido.

Passos metálicos, em perfeita sintonia, ecoam por todo o lado. A corte entretanto reunida à porta da capela, adota imediatamente um silêncio fulcral. Os guardas abrem espaço vorazmente, através das suas capas negras e das suas armaduras douradas: “Deixem passar o Arquiduque Leopold”! Enquanto todos se curvam, Leopold desliza imponentemente, ignorando cada uma das insignificantes cabeças que encontram curvadas perante si. Nunca percebeu porque mandou o Rei tanta corte para que ele sustentasse. Não precisava de escândalos ou intrigas, até porque dificultavam muitos dos seus planos. Nunca fora um homem bonito. Carrancudo, sisudo e com um nariz demasiado desproporcional, sabia que tinha tido sorte por conseguir pertencer à nobreza. Era fácil ter-se casado assim. De outra forma, mulher alguma abriria as pernas para lhe dar um herdeiro. De estatura baixa e curvada, de poucas falas e sem jeito para as damas, encontrou na força do medo a forma de se fazer ouvir e respeitar. Era quase cómico, vê-lo ser escoltado pelos seus guardas. Uma fraca figura que suscitava risos – mas apenas quando sabiam que Leopold não os ouvia.

Logo após a entrada de Leopold na capela, Lady Seraphine aparece rodeada das suas aias. Todas impecavelmente vestidas de azul, pareciam pequenas nuvens que sustentavam o ar angelical de Seraphine. Esbelta, de tez branca, cabelos ruivos e olhos claros como dois pequenos lagos de água cristalina. Uma verdadeira estrela caída do céu. Doce, ternurenta e finamente educada. Leopold considerava-a um troféu. Trinta anos mais nova, tinha sido a única esposa – das quatro – que lhe tinha suscitado um desejo carnal. O herdeiro ainda não tinha aparecido, mas para sorte de Seraphine, entendia Leopold que se tratava de um infortúnio da tenra idade. Os sangues ainda não haviam descido e dizia o mestre que era preciso dar tempo suficiente para o ventre maturar, da mesma forma que as árvores de fruto precisam de tempo para produzir os seus. Seraphine, por sua vez, orava todas as noites e todos os dias para que jamais concebesse um herdeiro a um homem tão vil, que a desflorara sem pudor.

À medida que vai passando, Seraphine sente a corte vergar-se numa vénia cheia de intensão e emoção. Poucas pessoas conseguem este feito – o de conquistar através do nada e por motivo nenhum, o respeito dos demais. Lady Seraphine murmura, de forma muito delicada “levantai-vos, levantai-vos”. Assim a corte o faz, enquanto observa este Anjo entrar na iluminada e dourada capela, que contrasta com a negritude do Castelo de Montclair.

Todos se sentam nos imponentes bancos de madeira, talhados à mão e ornamentados com marfim. Todos à exceção dos Arquidukes, claro, que ocupam as posições mais próximas do altar. Seraphine fica na nave da igreja e Leopold prefere sentar-se ao lado do altar, de frente para os crentes, achando um despautério dar as costas a quem sabe que apenas existe para o servir. Quando o Padre Alfric entra para dar início à missa, todos se levantam, à exceção de Leopold, que considera não ter de se curvar perante qualquer um.

O Padre ergueu as mãos e proclamou: “In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti”! Todos persignaram, menos Leopold, cujos olhos continuaram fixos na corte. O Padre baixou as mãos e antes que pudesse prosseguir, o Arquiduque aclarou a garganta.

- Informo que quem não estiver presente nesta missa, sofrerá consequências. Todos foram devidamente convocados e sabem bem qual é o motivo. Onde está Lady Mary?

O choque percebeu-se nos burburinhos que preencheram a capela.

- Aqui, Meu Senhor – a voz trémula de Lady Mary denunciou o seu nervosismo.

- Guardas! – ordenou Leopold – Tragam a Senhora até aqui.

Lady Mary começou imediatamente a chorar, porém, não ofereceu qualquer resistência. Os guardas dourados seriam implacáveis se o fizesse. Arrastada num momento eterno carregado de vergonha e soluços, foi colocada em frente ao púlpito, virada para toda a corte. Leopold prosseguiu.

- Ora, ora, ora... Lady Mary. Antes de qualquer outra coisa, indago já. Desejais confessar?

- Mas... meu senhor, confessar o quê?

Leopold fulminou-a com o olhar.

- Deduzi que fosseis negar! Fazer-se inocente! Lord Anton!

Um Lord com pouco aspeto disso, com um aspeto sujo e pouco arranjado, o cabelo seboso e um odor nauseabundo, apressou-se a chegar até ele. Caminhava desajeitadamente e sem parecer conhecer as práticas da corte.

- Meu Senhor – disse, sem se curvar na tradicional vénia.

- Lord Anton, pois explicai o que sucedeu com Lady Mary.

- Meu Senhor, Senhores desta corte! - iniciou, em modo teatral - Fui tentado por Lady Mary. Não sei o que porventura vos dirá, mas deixai-me explicar o que Deus sabe que é verdade, diante deste altar. Fui caçar e no momento da minha caça, vi Lady Mary à beira do rio. Ela também me viu e sorriu-me. Pois fiz como manda a tradição e cumprimentei-a. Ela levantou as saias e eu senti-me imediatamente possuído pelo demónio. Quis vir embora, pois sou um homem casado e Lady Mary também o é, mas senti um vulto negro empurrar-me e tentar-me, exigindo-me que me metesse dentro dela. Não tive outra opção, senão, muito contrariado, cumprir o meu papel de homem. – colocou um semblante triste, notando-se uma mentira várias vezes ensaiada.

Os sussurros da corte eram ensurdecedores. As mulheres tapavam a boca com as mãos, os homens ora baixavam a cabeça, ora fitavam Lady Mary. Seraphine sentara-se e fitava o chão, segurando firmemente a mão de Anne. A sua amiga, que tomou conta de si mal pisou o chão de Montclair, acusada de algo tão vil e mentiroso. Não conseguia assistir à

triste cena, mas adivinhava a expressão de profunda tristeza apenas por ouvir a voz embargada de Mary.

- Mas meu Senhor...! Eu nada fiz! Eu estava junto ao rio para me banhar, na calmaria da manhã. – um pequeno soluço pontuou a sua frase - Quando vi Lord Anton cumprimentei-o, conforme manda a tradição e dei-lhe as costas para retornar aos meus aposentos. Não me banhei, nem tão pouco o tentei, meu Senhor!

O desespero de Lady Mary era notório.

- Mentirosa! A pecar dentro da capela! – brandiu Lord Anton – Pois que me enfeitiçou e embruxou! E quando terminei e percebi o seu encantamento demoníaco, eis que a bruxa se vinga!

Num ímpeto desvairado, esquecendo-se do lugar e da honra, rubro de cólera, baixou as vestes interiores e expôs o seu membro viril, enrubescido e coberto de pústulas e humores pútridos. O Padre Alfric, reprimiu um sorriso, mas a sua voz trovejou.

- Basta! Que se respeite a casa de Deus!

O Arquiduque, para que se mantivesse a ordem, fez sinal para que os guardas levassem Lady Mary, que agora sim, se debatia para se tentar soltar. Quando a corte se acalmou, permitindo que apenas se ouvisse o crepitar das velas acesas, ordenou que todos se colocassem de pé para ouvirem a sua sentença.

- Logo, pelo anoitecer, quero que todos se reúnam no pelouro. Padre Alfric, deverá comparecer também.

Pousou a mão sobre a espada e, como se a desembainhasse apenas com o poder da palavra, bradou com voz firme:

- Pelo uso de feitiçaria e artes negras, por ter envenenado a alma deste pobre homem, condeno Lady Mary à morte... na fogueira!

Ninguém se atreveu a emitir um único som. Ninguém à exceção de Anne, que segurando a sua Senhora pelos braços e com a voz rouca, gritou:

- Acudam! Acudam! Lady Seraphine desmaiou!

O tumulto da capela dissipara-se num eco distante enquanto Anne, com os braços firmes, ajudava Lady Seraphine a atravessar os corredores do castelo. Os lacaios abriram caminho, os rostos pálidos de preocupação, mas ninguém ousou falar. O peso da sentença de Lady Mary pairava como uma sombra e o crepitar das velas parecia agora um sussurro de condenação.

Chegaram aos aposentos da Arquiduquesa, um espaço de tapeçarias azul-celeste e janelas altas que deixavam entrar a luz fria da manhã. Anne fechou a porta com um empurrão suave, o coração ainda a galopar. Seraphine, esmaecida como a neve, deixou-se cair numa cadeira de espaldar alto, as mãos delicadas agarrando os braços do assento como se temesse desvanecer novamente.

- Minha Senhora, estais bem? - perguntou Anne, ajoelhando-se ao seu lado. A voz rouca traía o esforço de conter as lágrimas. - Bebei isto, por favor. - Estendeu-lhe um cálice de água que tremia nas suas mãos.

Seraphine aceitou, os olhos claros fixos num ponto invisível. Bebeu um gole pequeno, depois pousou o cálice na mesa ao lado, as mãos a tremer tanto quanto as de Anne.

- Como posso estar bem, Anne? - murmurou, a voz frágil como vidro. - Lady Mary... na fogueira... por uma mentira tão vil. E eu, aqui, impotente, casada com o monstro que a condenou. - A luz filtrava-se pela fenestra e, ao tocar-lhe o rosto, fez da lágrima um fio de cristal vivo.

Anne discordou, com um forte aceno de cabeça.

- Não sois impotente, minha Senhora! Se me permitis, sois apenas uma criança, de quem a inocência foi roubada. É natural que vos sintais assim, eu também me sinto! E não podemos, de maneira nenhuma, permitir que isto aconteça. Lady Mary não merece tal fim. Sempre lhe foi fiel, sempre a protegeu. Sempre ouviu as suas confidências sem a trair, minha Senhora! Tem de haver um caminho! Deus mostra sempre um caminho – ergueu o olhar até ao céu, sabendo que algo ou alguém superior a si a ouviria.

Seraphine ficou surpresa com a veemência na voz da aia. Por um momento, o silêncio envolveu-as, quebrado apenas pelo canto distante de um pássaro além da janela. Então, a Arquiduquesa falou, ganhando uma sombra de força:

- Leopold não tolerará interferências, Anne. Sabes o que ele fez na capela... o que é capaz de fazer a quem o desafie. - Fez uma pausa, os lábios entreabertos como se temesse dar voz ao pensamento. - Mas... o Padre Alfric... Ele estava lá, viu tudo. Talvez ele possa ser persuadido... O teu pai é amigo dele... talvez tu...

Anne franziu o sobrolho, recordando o sorriso reprimido do Padre na capela. Não confiava nele, mas a ideia de usar a sua influência era tentadora.

- Algo me diz que não posso confiar inteiramente nele, minha Senhora. Mas até uma serpente pode morder a nosso favor, se soubermos como a agarrar. - Levantou-se, o vestido azul ondulando com o movimento. - Deixai-me ir até ele. Posso tentar falar-lhe, descobrir o que sabe... ou o que quer.

Seraphine segurou-lhe a mão com mais força, os olhos agora firmes apesar do brilho húmido.

-Tem cuidado, Anne. Se Leopold souber que tramamos algo... - engoliu em seco e continuou. - Não suporto perder-te também. Promete-me que voltarás.

Anne assentiu graciosamente através de um sorriso.

- Prometo, minha Senhora. Não ficarei de braços cruzados enquanto o fogo consome uma inocente. - Virou-se para a porta, mas hesitou, olhando para trás.

- Se eu falhar com o Padre, haveis de ter força para enfrentar o Arquiduque. Sois mais do que o troféu dele.

Seraphine endireitou-se na cadeira, um lampejo de coragem atravessando-lhe o rosto.

- Vai, Anne. Que Deus te guarde.

Anne rodopiou sobre os seus pés, o vestido azul esvoaçando enquanto fez a tradicional vénia a Lady Seraphine e saiu, determinada a ir ao encontro ao Padre. Sentiu um calafrio, como se uma brisa tivesse saído das pedras do castelo. Passou as suas mãos pelos braços, como se se abraçasse. Sempre se tentou mostrar firme e empoderada. Sabia que precisava de o ser. Muito embora quisesse viver dentro do castelo, também sentia que era um lugar amaldiçoado, frio e perigoso.

Nunca conseguiu perceber porque não se conseguiu casar. O seu pai bem que tinha, por duas vezes, tentado arranjar casamento. Esteve prometida a bons homens, que sabia que iam cuidar dela. Um deles, filho de boas famílias, com um título de terras e que a faria Lady. Não se importou com a condição menor da sua família e sempre se mostrou disponível para a desposar, mesmo que não houvesse lugar a dote ou a contrapartidas. Anne era alta, esguia e esbelta, com uma educação e inteligência abissal para a sua classe social. Aprendera a ler sozinha, utilizando um livro que apanhou caído de um grupo de trovadores que passava com frequência pela feira da sua vila. Sempre que os trovadores recitavam o conteúdo do livro, escondia-se o mais que podia para os ouvir e acompanhava as

passagens, tentando associar sons aos estranhos símbolos que ali via. À noite, à luz da lua, lia e relia o livro, tentando projetar-se para o mundo fantasioso espelhado naquelas páginas amareladas. Quando percebeu, através deste livro, que o mundo era muito mais do que aquilo que lhe era apresentado, pediu ao pai que lhe desfizesse o casamento, sob pretexto que tinha sentido o chamado de Deus para ir servir como noviça. Claro está que nunca chegou a ir. O Senhor Mills conhecia a filha e sabia perfeitamente que a questão se prendia com o pouco agrado da criança face ao casamento. Anuiu, julgando que o cerne da questão era a fraca aparência do prometido. Assim, tratou de arranjar um segundo casamento, desta feita com um camponês que sempre se perdeu de paixões por Anne. A jovem usou do mesmo argumento: o forte chamado de Deus. Porém, o pai entendendo desta vez a gravidade da situação, tratou de lhe provar o quão dura era a vida de noviça, falando com o Padre filho da vila e que agora estava ao serviço de uma grande casa – o Senhor Padre Alfric.

Foi assim que foi parar ao Castelo de Montclair. Era duro, principalmente porque o Padre e o seu pai acordaram não a deixar dormir nos quartos reservados às aias. Julgavam que poderia cair em tentação, com tanto pecado que havia dentro daquelas paredes. Ela jamais pensaria nisso. Não confiava nos homens e o que ela via do seu comportamento, provocava-lhe ânsias.

Enquanto caminhava perdida nestes seus pensamentos, Aproximava-se do quarto do Senhor Padre Alfric. Dois guardas dourados vigiavam a porta:

- Anne... por aqui? Não me digais que vindes confessar os vossos pecados... - ria-se um deles, com malícia.

- Deixai-me passar, preciso de falar com o Senhor Padre – respondeu Anne, firmemente.

- Pois tereis de ficar na fila, há mais quem se tenha vindo confessar! – e riu alto, despertando a curiosidade do Padre, que abriu uma fresta da porta.

- O que se passa por aqui? – os seus olhos arregalaram-se e brilharam quando viu Anne – ó minha filha, espera, espera que já te recebo.

Bateu a pesada porta e Anne sorriu de esguelha para o guarda que a confrontou. Afinal ia ou não ia vê-la? Esse sempre foi um dom muito seu. Tudo o que queria, conseguia alcançar. Demorasse mais ou menos, se o

fizesse de forma íntegra, era seu. Dava por si, muitas vezes, a pensar que seria abençoada por Deus.

A porta abriu e duas belas jovens saíram do quarto do padre, de cabeça baixa e corpos esvoaçantes. Anne nunca as tinha visto. Tez de pele branca, cabelos ruivos, corpos esguios. Vestes inclusivamente pouco próprias e muito transparentes para se apresentarem diante de um Padre. Estrangeiras, talvez?

- Vem Anne, podes entrar.

Ela acedeu, entrando confiante no quarto do Senhor Padre. A porta, muito rudimentar e de madeira maciça, não fazia adivinhar o luxo escondido naquele compartimento. A cama, de madeira ornamentada com marfim e ouro, era a peça principal, adornada com um dossel de seda. Os lençóis e as almofadas, transmitiam prazer e sedução, sendo de cetim vermelho. O quarto, todo ele em talha dourada, não tinha uma única figura alusiva à religião que deveria ser a vida do Senhor Padre. Anne estranhou, mas decidiu não dar grande importância. Pensou em si própria. Afinal, passava os dias num castelo cheio de coisas que ostentavam riqueza e as noites num casebre que permitia que chovesse na sua cama.

- A bênção, Senhor Padre – reverenciou.

- Deus t'abençoe. Que te traz por cá? Estou feliz por te ver.

O Padre pôs-se a pé, em direção à mesa onde cálices dourados e uma jarra de vinho repousavam, à espera de serem utilizados. Serviu cada um deles e ofereceu um a Anne, que aceitou com uma pequena vénia.

- Senhor, perdoai-me antes de mais o atrevimento, mas bem sabeis que eu e Lady Mary somos amigas...

- Não prossigas, Anne! Sabes bem que não me podes vir pedir clemência!

- O homem movimentou-se bruscamente, transtornado - Se o Arquiduque nos ouve aqui a falar de uma decisão que já tomou... Deus meu, filha! Cala-te, nada digas, já faltam poucas horas até que o tormento acabe.

- Não, Senhor, estais enganado. Não peço clemência. Apenas que me esclareçais. O que aconteceu? Que bruxedo foi esse? Julgais Lady Mary capaz de tal feito?

Anne engoliu em seco. Não havia tempo a perder. Não podia dar-se ao luxo de tentar levar o Padre a dar-lhe as respostas que queria, pois corria